

SOB O SIGNO DAS GRAÇAS: MITO E HISTÓRIA EM *LE GRAZIE* DE UGO

FOSCOLO

Karine Simoni (Doutoranda, UFSC)

kasimoni@gmail.com

RESUMO: O artigo tem como objetivo mostrar o neoclassicismo de Ugo Foscolo mediante *Le Grazie*, composição poética inconclusa de tema mitológico, elaborada em várias etapas entre os anos de 1802 e 1822. Além de apresentar as razões biográficas para a composição do poema, o estudo discute como Foscolo utilizou a mitologia e a poesia como alternativas para difundir a *civilitas* contra a angústia e a incerteza do presente pós-Revolução Francesa.

Palavras-chave: Ugo Foscolo, *Le Grazie*, Neoclassicismo, Revolução Francesa

Refletir sobre a literatura na perspectiva da história significa já de início partilhar do pressuposto de que existe uma relação entre ambas: embora cada uma apresente as suas especificidades, têm em comum a característica de registrar acontecimentos. Essa faculdade foi, durante muito tempo, uma relação não-problemática na busca pelo objetivo de identificar e relatar o modo como os Homens concebem a si próprios e ao mundo que os rodeia. Porém, ao longo do século XVIII, a história reivindicou para si o estatuto de cientificidade e de verdade. A literatura passou a ser vista como produto da imaginação e da fantasia do autor e, apesar de apresentar uma grande possibilidade de interpretar a

realidade, durante todo o século XIX a história se esquivou de um diálogo com essa disciplina.

Felizmente, a revisão dos paradigmas de análise da realidade, o fim da crença em verdades absolutas, a intertextualidade e a interdisciplinaridade que marcaram os debates ao longo do século XX e a transição para o século XXI trouxeram novas possibilidades para o estudo dessas disciplinas: o parentesco entre ambas, mesmo que trabalhem com abordagens diferentes, permanece no centro das discussões. Isso não significa que seja fácil percorrer os lugares reservados a esses saberes sem correr o risco de encontrar a ausência de um ambiente específico a cada um deles (SOUZA, 2002, p. 84-85).

Tanto o crítico literário como o historiador precisam assumir os problemas epistemológicos e ter presente que a narrativa histórica difere da literária justamente pelo modo como se aproxima do real: a meta do historiador é pesquisar e selecionar dados, estabelecer relações entre as evidências do que poderia ter existido, e construir um discurso que apresente soluções para os questionamentos que se aproxime ao máximo do acontecido. Já a liberdade de criação do discurso literário não tem limites, inventa personagens e fatos na elaboração da sua trama, e não tem nenhum compromisso em aproximar o acontecido do real. Mas, em relação à literatura, não é tarefa fácil para o historiador aproximar-se da obra de ficção: para fazê-lo é preciso estar atento, a fim de não considerar o texto literário como um mero reflexo da sociedade.

Dadas as limitações de espaço, não é o objetivo desse estudo aprofundar o assunto¹. Entretanto, a partir dos pressupostos apresentados, pretende-se aqui analisar o poema *Le Grazie*, de Ugo Foscolo (Zante/Grécia, 06 de fevereiro de 1778 - Londres, 10 de setembro de 1827), destacando como o autor utilizou-se da mitologia e da poesia em busca de uma

alternativa para difundir a *civilitas* contra a angústia e a incerteza do presente pós-Revolução Francesa. Na primeira parte, visto que Foscolo é um autor pouco conhecido no Brasil, será realizada uma breve apresentação do autor e da obra em questão, para na sequência discutir como a escrita poética se relaciona com o período e como se estabelece essa relação de complementaridade. Da mesma forma que a crítica literária atual reconhece que a compreensão da obra está vinculada também ao contexto, pretende-se seguir a análise considerando o texto literário não como fonte ou ilustração para a construção do conhecimento histórico, mas como uma possibilidade de perceber as vicissitudes da época em que foi escrito.

Ugo Foscolo: um intelectual ítalo-grego na Itália dos franceses

Ugo Foscolo é um dos autores mais significativos do Oitocentos Italiano. Ainda pouco conhecido no Brasil, em parte devido à falta de traduções das suas obras, o autor se tornou célebre na Itália tanto por sua vasta e importante obra como por ter levado uma vida tipicamente romântica e desregrada. Cronologicamente circulou num período bastante peculiar, composto por uma série de eventos que sacudiam a Europa naquele momento, como a Revolução Francesa.

O autor aprendeu o grego como língua materna, e o italiano com cerca de dez anos, quando, com a morte do pai, mudou-se para Veneza. Ainda muito jovem começou a freqüentar os salões literários de homens e mulheres influentes, e também a ter contato com as idéias e as discussões que giravam em torno da Revolução e do governo napoleônico.

Inicialmente Foscolo acolheu com bastante entusiasmo os princípios da Revolução, e quando Napoleão tomou a Itália em 1796, posicionou-se a favor do imperador francês, por acreditar que só um líder forte seria capaz de unificar a península. No entanto, em 1797, Napoleão assinou o Tratado de Campofórmio, pelo qual Veneza seria cedida à Áustria. Esse acontecimento provocou uma profunda desilusão em Foscolo, que passou a ver Napoleão como um traidor. A partir de então, iniciou uma longa e contínua vida de exílio: passou por várias cidades italianas, pela França, Suíça e Inglaterra, até morrer em Londres.

Na vida literária, Foscolo é conhecido principalmente pelo romance epistolar *Le ultime Lettere di Jacopo Ortis* [As últimas cartas de Jacopo Ortis], que os críticos afirmam ser similar a *Os sofrimentos do jovem Werther* de Goethe. Além do romance, compôs peças de teatro, odes e sonetos de alto valor literário e artístico, escreveu um imenso epistolário e traduziu, entre outros, *A Sentimental Journey*, de Sterne. Além disso, foi um perspicaz teórico da literatura, tendo escrito vários ensaios sobre os mais diferentes assuntos: da religião à política, dos costumes à história, da literatura à tradução.

***Le Grazie*: a poesia entre o passado mítico e a história do presente**

Le Grazie insere-se num momento muito particular da vida de Foscolo, que escreveu a maior parte da poesia quando morou em Florença, de agosto de 1812 a novembro de 1813. Teria se dirigido à cidade porque, tomado por uma “febre reumática inconstante”, manifestou a vontade de “readquirir a saúde na Toscana” (FOSCOLO, 1954, p. 77). A considerar a vasta produção literária desse período, não é exagero afirmar que foi um dos

mais profícuos da sua vida de literato: voltou a escrever poesias, retomou a tradução de Homero e de Sterne, compôs quase que totalmente a tragédia *La Ricciarda*.

O tema da composição, como o próprio título sugere, é mitológico e didascálico, ou seja, com intenção didática, que em Foscolo pode ser traduzida como patriótica (VERDENELLI, 2007, p. 307). As Graças, nome latino que designa as *Cárites* gregas, eram deusas da alegria e da beleza, e geralmente estavam associadas a Eros e Afrodite. Em algumas versões apareciam também como deusas da dança, dos modos, da fertilidade e da amizade. Com as Musas, cantavam e dançavam para os deuses do Olímpio; presidiam os banquetes e eventos sociais. Eram conhecidas principalmente como Tália (a que traz flores), Aglaia (brilho e esplendor) e Eufrosina (júbilo e alegria). Hesíodo catalogou-as como filhas de Zeus e Hera, em algumas versões, e de Zeus e Eurinome, filha do Oceano, em outras (MONDADORI, 1997, p. 183).





As Graças em três momentos: Anônimo (séc. I, Pompéia), Botticelli (Primavera, detalhe, 1477-1482?, Galleria degli Uffizi, Florença) e Rubens (As três Graças, 1638?, Museu do Prado, Madri). Nas artes, em geral, são representadas como jovens virgens que dançam em círculo, cuja forma física varia de acordo com o ideal de beleza de cada época. Em comum nessas três obras são o entrelaçar dos braços e a colocação das figuras - duas voltadas para uma direção e a terceira para a direção oposta. As Graças de Pompéia e as de Rubens estão nuas, enquanto o renascentista Botticelli usou o recurso de um véu muito sutil para dar mais leveza à cena.

Temas e personagens clássicos são muito presentes nas obras de Foscolo. Não apenas representações ligadas às grandes figuras da tradição helênica, mas deusas e heróis, ninfas e semideuses povoam o imaginário das odes e dos sonetos, sejam eles de cunho biográfico ou ligados a conteúdos históricos. Biógrafos e críticos explicam a preferência pelo modelo clássico a partir do elemento biográfico da origem, a ilha grega Zante². Entretanto, é importante destacar também que o interesse pelo período clássico fora retomado pelos Iluministas e acelerou-se com a consolidação da Revolução Francesa e principalmente com o governo napoleônico. O próprio Napoleão teria buscado inspiração na arte e nos personagens da Roma Antiga como propaganda do seu governo. As mudanças políticas que levaram à ruptura com o passado próximo abalaram também o barroco e o rococó, representantes da concepção estética desse passado. Em lugar dos temas religiosos, surgiu

na arte o gosto pelo historicismo, pelos temas do cotidiano e pela mitologia clássica (CESERANI, 1999, p. 687). Além disso, a descoberta de Pompéia e Herculano intensificaram o interesse pela temática grega e romana nas artes figurativas e na literatura.

Le Grazie é o poema de Foscolo mais direcionado ao mundo grego antigo. É subdividido em três hinos, dedicados respectivamente a Vênus, Vesta e Palade, que celebram as Graças, divindades que tiveram a missão de suscitar nos homens sentimentos puros e elevados, dando início ao processo de civilização. Foscolo dedicou o poema a Antonio Canova (1813-1816), o maior representante italiano da estética neo-classicista³. O escritor de Zacinto entendeu prestar uma homenagem à estátua em mármore que Canova estava esculpindo em 1813 sob encomenda para Josefina de Beauharnais, ex-esposa de Napoleão.

A escultura de Canova celebrava um tema particularmente atraente aos artistas e teóricos do Neoclassicismo: as três Graças. Porém, a novidade de Canova em relação aos demais escultores foi a de colocar Aglaia, Tália e Eufrosina abraçadas de modo frontal, diferentemente da época clássica, na qual uma das figuras era sempre representada de costas para o observador.



Le tre Grazie. Canova, Museu Ermitage de Petersburgo. O abraço das três Graças e a posição das pernas foram colocadas de modo a causar um efeito de movimento circular, enquanto a expressão facial dá a sensação de delicadeza a toda a obra.

A obra de Canova teve um grande sucesso: quando foi inaugurada, Stendhal disse que o escultor havia criado um novo tipo de beleza - a perfeição das formas e o ideal de beleza eterna (PAVANELLO, 2002, p.23). Daí talvez o motivo pelo qual Foscolo o considerou o mais ilustre renovador do mito clássico, embora não haja indícios de que tenha visto pessoalmente a escultura que o inspirou.

Na obra de Foscolo, encontramos três partes desiguais em forma de hinos: o primeiro, dedicado a Vênus, é composto de 299 versos, o segundo, dedicado a Vesta, apresenta 350 versos e o terceiro, dedicado a Palade, tem apenas 24.

Após dedicar a poesia a Canova, inicia-se o primeiro hino, que descreve o nascimento das Graças do mar Iônio, juntamente com Vênus:

Alle Grazie immortali
le tre di Citerea figlie gemelle
è sacro il tempio, e son d'Amor sorelle;

nate il dì che a' mortali
beltà ingegno virtù concesse Giove,
onde perpetue sempre e sempre nuove
le tre doti celesti
e più lodate e più modeste ognora
le Dee serbino al mondo. Entra ed adora⁴. (FOSCOLO, 1985, p. 1048)

O evento comoveu os Homens, ainda em estado ferino, e os conduziu à moderação dos instintos animalescos. Quando Vênus volta ao Olimpo, deixa as filhas sobre a terra para que tornem a estadia terrena mais agradável aos mortais, convidando-os à prática da paz, do amor, da poesia e da harmonia, que teria originado as belas-artes: a pintura, a escultura e a arquitetura.

Vê-se no primeiro verso uma das principais preocupações do poeta na composição: o culto às Graças, que teria se iniciado na Beócia, onde eram consideradas deusas da vegetação. Mas elas teriam sido abandonadas pelos Homens, e por isso ele planeja dedicar, sobre o monte de Bellosguardo, nos arredores de Florença, um templo exclusivo para o culto a essas divindades, já que na Antiguidade eram veneradas junto à deusa do amor. Florença oferece a Foscolo a paisagem, o idioma, a moradia serena: transfigura-se facilmente na terra natal Grécia. Da mesma forma, o Mar Íônio, que assiste ao nascimento de Vênus e das Graças, volta-se ao poeta como uma lembrança autobiográfica da nativa ilha Zante.

No segundo hino, dedicado a Vesta, símbolo das virtudes humanas, três mulheres amadas pelo poeta - Eleonora Nencini, Cornelia Martinetti e Maddalena Bignami - participam de um rito como sacerdotisas no templo das Graças. As três mulheres, notáveis pela sua beleza, são concebidas como a encarnação dos dons que as três filhas de Vênus

dispensaram aos Homens, e simbolizam respectivamente as artes da música, da poesia e da dança. Assim, a primeira sacerdotisa, Nencini, oferece às Graças o som da harpa, secreta harmonia que rege o mundo. A segunda sacerdotisa, Martinetti, oferece às deusas um favo, símbolo da eloquência e da poesia, a amabilidade da palavra que torna os homens inteligentes. Nesse momento, Foscolo apresenta um panorama da história da literatura grega e italiana, e narra como, através das Musas, as Graças originaram a poesia grega e como, expulsas pelos Otomanos, passaram da Grécia para a Itália dividindo-se em duas partes: uma delas teria atingido o vale do rio Pó e alimentou a poesia de Boiardo, Ariosto e Tasso; a outra, atingindo o mar Tirreno, alcançou a Toscana e inspirou a poesia de Dante, Petrarca e Boccaccio. Por fim, a terceira sacerdotisa, Bignami, dança diante do altar das Graças e consagra a elas um gracioso cisne para agradecer o retorno do marido de uma campanha bélica. Também nesse segundo hino há de se considerar o elemento biográfico de Foscolo: o ritual e as ofertas que as sacerdotisas dedicam às Graças, como divindades que a sociedade atual deve venerar, não é apenas um refinado artifício neoclássico de caráter alegórico, mas uma homenagem de Foscolo à vitalidade dos mitos pré-cristãos. (DEI, 1972, p. 357)

O cenário do terceiro hino é a mítica ilha de Atlântida, totalmente inacessível aos mortais, refúgio de Palade quando o instinto ferino dos Homens desencadeia vícios e guerras. O poeta imagina que as Graças, turbadas pela potência das paixões humanas, são levadas a esse mundo de harmonia para que Palade teça um véu incorruptível que as proteja das atitudes dos mortais. Com o véu, as Graças podem retornar ao convívio humano e cumprir a sua missão de civilizar os homens. O mundo de Atlântida é silencioso, e essa quietude é o símbolo da moderação que leva à harmonia. Para alcançá-la, o Homem deve

apoiar-se em valores como a juventude com as suas esperanças, o amor espiritual, o afeto filial, a ternura materna, a hospitalidade. A mudança de cena entre os três hinos representa a passagem das Graças da Grécia, onde nasce a primeira forma de civilização, à Itália, que recolhe a herança da cultura clássica.

Grosso modo, esses são os assuntos de cada hino. A composição foi interrompida várias vezes: alguns versos foram publicados na *Biblioteca Italiana* em 1818 e em 1822, mas a primeira edição integral veio a público postumamente, em 1848. Pelo fato de nunca ter sido terminada e apenas com a morte de Foscolo o texto integral ter sido entregue aos editores, a obra que hoje lemos é construção de críticos. Mas, apesar de inconclusa, não se trata de uma obra fragmentada, como se acreditava até o início do Novecentos; *Le Grazie* é hoje aceita pela crítica como uma obra aberta. Para Francesco Flora, citado por Walter Binni,

Encontrar a ordem que o poeta poderia propor é maldade: eu diria que tem menos importância daquilo que se acredita. O que faz a unidade das *Grazie* é o tom da arte: é, se fosse possível dizê-lo, a graciosidade... E a sutil indústria de uma mais rigorosa edição das Graças, será no indulgir a todas as várias redações foscolianas, sem vãs solitudes pela última intenção do poeta, que é inatingível; e se fosse conhecida nos privaria talvez de muita poesia que ele sentiu e que uma busca de ritmo externo teria apagado. (BINNI, 1982, p. 273)

O próprio Foscolo advertiu que o poema “tem estilo entre o épico e o lírico” e que o seu fim é “didático”. Examinando os projetos de Foscolo nos quais ele buscou juntar os vários fragmentos de modo a resultar num desenho orgânico e num discurso coerente, pode-se advertir essa exigência “didática”. Mas qual seria o objetivo de Foscolo, isso será apresentado e discutido na próxima e última parte do artigo.

***Le Grazie*: alegoria e poesia didática**

Durante boa parte do século XIX, *Le Grazie* foi considerada uma poesia inferior, seja pelo tema, seja pelo fato de não ter sido concluída. Para os mentores do *Risorgimento*⁵ a composição mais importante de Foscolo era o *Dei Sepolcri*, poesia em que o domínio napoleônico na península era afrontado diretamente. Além disso, Francesco De Sanctis, o maior crítico e historiador literário italiano do Oitocentos, avaliou negativamente o poeta, que nessa obra teria se apresentado “com todo o aparato da erudição, em uma forma finita, da última perfeição: se vê o artista consumado; existe apenas o poeta” (DE SANCTIS, 1971, p. 179). No Novecentos a crítica retomou e reavaliou a poesia, e críticos como Flora (1940) sustentaram que a obra seria o ápice da poesia foscoliana, e até mesmo do Oitocentos italiano.

A avaliação de Flora apresenta *Le Grazie* como uma espécie de história poética do ser humano rumo à civilização, representada pela presença do mito, que para o crítico caracterizaria o gosto tipicamente neoclássico. Em outras palavras, essa poesia incitaria estados de ânimo, figuras femininas amadas, fantasias e paisagens valiosas ao poeta, cada tema sendo cantado com a mesma elegância de estilo, de língua e de verso. A inspiração central, o mito das Graças que, nascidas do mar, difundem com o seu sorriso a civilidade das artes e transformam o ser bestial em ser humano, seria uma alternativa ao triste presente.

Naturalmente, cada época faz a sua leitura da obra literária, e a crítica mais atual vê com reservas o termo *classicismo* em Foscolo. Primeiramente porque escrever a história da literatura como história das escolas literárias é hoje questionado e bastante problemático,

visto que o pós-modernismo tem se preocupado justamente com a individualidade do autor, mesmo que esta possa se inserir num determinado movimento ou escola literária. Além disso, para boa parte da crítica Foscolo é considerado um autor pré-romântico ou romântico, dada a passionalidade com a qual confronta várias das suas obras, além de ter levado uma vida inquieta e desregrada, tipicamente romântica. Especificamente em *Le Grazie*, Foscolo demonstra o seu mundo afetivo, exprimindo os seus sentimentos e paixões em detrimento da análise fria da simples razão louvada pelo século das Luzes. Nessa poesia há também referência a Vico, do qual Foscolo tomou a concepção da história como mestre da vida. Assim, para o crítico Marcello Verdenelli, Foscolo é um autor moderno, já que “ao estado de profunda crise da sociedade, da política, do tempo, contrapôs a única salvação possível, a da literatura, ou melhor, a de uma nova concepção literária mais em sintonia com as problemáticas dos novos tempos” (VERDENELLI, 2007, p. 6). Ou seja, Foscolo seria um autor moderno, e essa modernidade estaria no fato dele não mais defender o classicismo puro e simplesmente estético, que se fundamentava nos ideais da harmonia e da beleza, e via na arte clássica a única forma de beleza, mas por sentir a exigência de reescrever o estatuto e a função da literatura na sua instância político-civil; uma idéia de literatura que não poderia mais prescindir da moral, da política, da história, da filosofia.

Com efeito, a crítica atual tende a aceitar a idéia de que o mito não é simplesmente reinvocado por Foscolo nas formas originais do mundo clássico, mas é recriado e atualizado artisticamente pelo poeta, a ponto de sobrepor-se aos acontecimentos históricos. Foscolo retoma o mito por acreditar no seu valor emblemático, sinal de verdade profunda, capaz de guardar e transmitir valores universais. Pense-se por exemplo nas Graças que subtraem os mortais do estado de barbárie, trazendo-os à civilidade através das belas-artes.

Foscolo sem dúvida tinha autoridade para transitar pelos dois mundos - o grego e o italiano - e graças a essa fusão pôde abraçar o passado e o presente e lançar-se também em direção ao que estaria por vir, não de forma profética, mas como cidadão-intelectual que refletia sobre a história universal e sobre os problemas do seu tempo. Como ele próprio indicou na dissertação *Di un antico inno alle Grazie*, publicada em inglês durante o período do exílio na Inglaterra, para se entender o valor simbólico dos mitos é preciso considerar o significado das *allegorie*:

As alegorias, como que parecem coisas ridículas aos críticos metafísicos, foram para os artistas os materiais de trabalho mais belos e eficazes; e o desprezo no qual caíram entre nós deriva do uso insensato que lhes foi feito, e do mau-gosto dos inventores modernos. Uma alegoria não é que uma idéia abstrata personificada, a qual para agir mais rapidamente e agilmente sobre os sentidos e sobre a imaginação se une à mente com maior prontidão. Aos poetas e artistas da Grécia, Venere não era outra que a representação personificada da beleza ideal (FOSCOLO, 1985, p.1097-8).

A partir da própria constatação de Foscolo sobre a alegoria, *Le Grazie* pode ser pensada como uma grande alegoria ou, melhor, uma junção de várias delas: as três Graças, os mitos narrados, as paisagens geográficas presentes não são apenas produto da imaginação ou uma retomada do mito com fim em si mesmo, mas representam um valor que o poeta buscou constantemente. Essa busca poderia ser explicada ou pela sua origem grega, ou pela sua existência conturbada, ou ainda pela junção dos dois fatores. Na estrutura poética em que reinam os mitos, os acenos a fatos ocorridos em seu tempo não são apenas intrusões ou figuras de retórica, mas representam antes o terreno natural sobre o qual e para o qual o mito, ou seja, o mundo clássico, se faz presente.

Naturalmente, o passado clássico, espaço da beleza e da harmonia, não pode ser recuperado, tampouco pode-se lamentar a sua perda. Pelo contrário, serve de suporte para

as esperanças do presente, que poderá vir a sentir os benefícios daquele mundo. Por essa razão os mitos que Foscolo busca na Antiguidade não servem apenas para representar as belezas e a harmonia do mundo antigo, mas têm principalmente o mérito de transmitir ao presente aqueles valores que foram símbolo para os antigos, e que para Foscolo ainda seriam atuais. Nesse sentido, somente a educação para o belo artístico e para os sentimentos mais elevados, como o amor espiritual, o afeto filial, a piedade, a hospitalidade, a fidelidade recíproca, a ternura materna, poderiam mudar o estado de barbárie enfrentado pela humanidade. Tal mensagem assume ainda uma vez um significado atual, seja sob o ponto de vista histórico, seja do político: no primeiro hino, quando a Grécia antiga se mostra sob o efeito das Graças, com a consolidação da agricultura, das leis, da religião, das artes, a mítica terra natal é vista como um mundo de harmonia, vitalidade e serenidade, contraposto ao presente obscuro e bárbaro da Itália ainda não unificada, marcada pelo despotismo e pela guerra. Profundamente desiludido, o poeta busca na retomada dos valores clássicos, a herança que a Grécia deixou para a Itália, o restabelecimento dos antigos modos de vida, caracterizado pela serenidade, liberdade e autonomia tão desejadas e ausentes no presente.

Foscolo exalta assim um certo modelo de civilização, um mundo ideal de valores cuja reconstrução é, para ele, essencial na sociedade presente. Em outras palavras, as divindades pagãs, nesse caso especificamente as Graças, mostraram aos Homens o caminho da paz, o valor da não-violência. *Le Grazie* constitui-se assim como didática porque celebra essas divindades-símbolos da beleza e da harmonia não em senso estético, mas moral e civil, como civilizadoras do Homem, induzindo-o a superar a bestialidade própria dos instintos incontrolados. Tais valores não encontram espaço no tempo presente, com as constantes guerras provocadas pela sede de dominação do governo napoleônico. Neste sentido, a busca

pelo mundo antigo significava para Foscolo a restauração da ordem e dos hábitos existentes antes que Napoleão tomasse o poder na Itália. Através da poesia, ele entendia representar as paixões, crenças, costumes e aspirações dos seus conterrâneos, imaginando-a um meio para despertar os mais profundos afetos e alimentar as virtudes civis, agindo sobre o costume ético e político, e sendo portanto um meio para se atingir a tão sonhada unidade política e social.

Palavras finais

Fundamental para o historiador e para o crítico literário é perceber que a imaginação do escritor na construção da narrativa literária é uma forma de transmitir conceitos, valores e ideologias. O autor “não é um resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua morada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que se passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade” (CANDIDO, 1985, p. 18). Dessa forma, a obra “depende do artista e das condições sociais que determinam a sua posição” (CANDIDO, obra citada, p.16), de modo que toda obra literária pode ser lida como uma evidência histórica. Apesar da literatura ser uma elaboração da imaginação, ela incorpora o universo de sua época, misturando realidade e ficção. Desse modo, mesmo sem o compromisso com a objetividade, característica da história, a literatura recria tensões típicas da sociedade em que foi produzida, uma vez que resulta da construção humana e social, já que cada indivíduo traz consigo sentimentos, experiências, ações, enfim, aspectos de sua época.

Le Grazie de Ugo Foscolo, mais que mostrar uma distância da história, constitui um antídoto à sua crueldade: pela sua estrutura, desenvolvimento das imagens e da linguagem, os três hinos delineiam o universo da arte e da beleza, em antítese ao reino da força e das leis. A poesia de Foscolo, caracterizada pela apropriação da mitologia, defende as razões da *civilitas* contra a ameaça, sempre presente e pronta a ressurgir, dos instintos selvagens e primordiais.

O poema, de fato, elabora as figuras do mito contra a angústia da violência, em defesa das idéias constitutivas da civilidade humana. O mito constitui exatamente a representação dos valores necessários e fundamentais, sem os quais não é possível associar a vida. Os afetos que derivam do amor, da caridade filial e fraterna, da comiseração e da hospitalidade são o centro deste universo de princípios. A mitologia evidencia os sentimentos, e se oferece como a própria linguagem da poesia: transforma o mundo abstrato em histórias visíveis e concretas, e se torna a alegoria do mundo ideal.

ABSTRACT: This article aims to show the neoclassicism of Ugo Foscolo through “Le Grazie”, an unfinished poetic composition of mythological theme, made in several stages from 1802 to 1822. In addition to presenting the biographical reasons for the poem composition, this study discusses how Foscolo utilized mythology and poetry as an alternative to spread the “civilitas” against the anguish and uncertainty of the post-French Revolution present.

Keywords: Ugo Foscolo, *Le Grazie*, Neoclassicism, French Revolution

REFERÊNCIAS

- BINNI, Walter. *Ugo Foscolo, storia e poesia*. Torino: Einaudi, 1982.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- CESERANI, Remo; DE FEDERICIS, Lidia. *Il materiale e l'immaginario. Vol. III. L'Antico Regime, Riforme, Rivoluzioni*. Torino: Loescher Editore, 1999.
- DEI, Adele. "Aspetti dell'elaborazione delle Grazie". In *Trimestre*. Pescara, numeri 3-4, 1972.
- DE SANCTIS, Francesco. *Ugo Foscolo poeta e critico. Saggi critici*. Milano: Casa Editrice Giuseppe Principato, 1971.
- FLORA, Francesco. *Storia della letteratura italiana. Vol. III*. Milano: Mondadori, 1940.
- FOSCOLO, Ugo. *Epistolario IV. Edizione Nazionale delle opere di Ugo Foscolo. Vol. XVII*. Firenze: Le Monnier, 1954.
- FOSCOLO, Ugo. *I Sonetti, le Odi, i Sepolcri, Le Grazie. Edizione Nazionale delle opere di Ugo Foscolo. Vol. I*. Firenze: Le Monnier, 1985.
- LOMBARDI, Chiara. *La sacra isola sotto il sole. Il mito di Atlantide in Platone, Casti, Foscolo e Leopardi*. Roma: Prospettiva Editrice, 2006.
- MONDADORI, Bruno. *Miti e personaggi del mondo classico. Dizionario di storia, letteratura, arte, musica*. Milano: Mondadori, 1997.
- PAVANELLO, Giuseppe. "Antonio Canova e il suo ambiente artistico fra Venezia, Roma e Parigi". In *Atti del Seminario di Studi*. Venezia, aprile - settembre 1997. Venezia, 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Leituras cruzadas. Diálogos entre a história e a literatura*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Maria Eneida de. *O não-lugar da literatura. Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

VERDENELLI, Marcello. *Foscolo: una modernità al plurale*. Roma: Anemone Purpurea, 2007.

WHITE, Hayden. *Metahistória*. São Paulo: EDUSP, 1992.

¹Sobre a relação história e literatura veja-se SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Leituras cruzadas. Diálogos entre a história e a literatura*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. WHITE, Hayden. *Metahistória*. São Paulo: EDUSP, 1992, CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

²Veja-se como exemplo o estudo de Chiara Lombardi. *La sacra isola sotto il sole. Il mito di Atlantide in Platone, Casti, Foscolo e Leopardi*. Roma: Prospettiva Editrice, 2006.

³O termo Neo-classicismo, ainda que não possa ser plenamente conceituado, pode ser entendido pela sua poética e pela sua arte baseada nos conceitos de beleza, compostura e serenidade, mesmo na representação da dor, e pela sua ligação a um fenômeno histórico bastante preciso: a retomada da arte clássica, sobretudo estatutária, a partir da segunda metade do Setecentos. Na Itália teve seu ápice no período do governo napoleônico na península.

⁴A edição integral da poesia pode ser conferida em <http://www.classicitaliani.it/index067.htm>

⁵O termo *Risorgimento* designa o período da história da Itália entre 1815 e 1860, durante o qual ocorre o processo de unificação da península.